nos paralisados diante do processo de aprendizagem, assim são rotulados pela própria família, professores e colegas.

Dificuldade de aprendizagem se trata de um obstáculo, uma barreira, um sintoma, que pode ser de origem tanto cultural quanto cognitiva ou até mesmo emocional. é essencial que o diagnóstico seja feito o quanto antes, uma vez que há consequências em longo prazo.

Cada criança é um ser único, cada um tem seu próprio jeito de pensar, aprender e compreender tudo o que está em sua volta.

Sabemos que, em tempos atuais as instituições de ensino estão tendo suas atenções voltadas para as dificuldades de aprendizagem que são demonstradas por seus estudantes, eles apresentam estas dificuldades através de suas atitudes em sala de aula. Muitas destas, por sua vez, tornam-se uma incógnita para nos professores. Porem ressalta-se que cada estudante possui sua personalidade própria. Isso é reconhecido através de seus atos, e cabe a cada um de nós educadores a observá-las e orientar para uma possível melhora e avanço em seu aprendizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÉS, Philippe. História Social educação. Rio de Janeiro. LTC, 1978.

ALMEIDA, S.F.C. O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar-aprender, in: Temas em Psicologia, Desenvolvimento cognitivo: linguagem e aprendizagem. UNB:

Sociedade Brasileira de Psicologia, 1993.

ALMEIDA, Carina Elisabeth Maciel de; UNIVERSIDADE, EDUCAÇÃO ESPECIAL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES – UCDB ; GT: Educação Especial / n. 15; Agência Financiadora: CAPES/PROSUP. 2004

ANTUNES, Celso. Professores e professores: reflexões sobre a aula e prática pedagógicas diversas. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BORGES NETO,H E DE. Informática e formação de professores. Brasília : ministério da educação, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais.

Brasília: MEC/SEF, 1997. v. 1.

BRASIL, Lei nº 9.394. Lei das diretrizes e Bases da Educação Nacional, 20 de Dezembro de 1996.

BRASIL. Lei 13.005 de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências.

COSTA, N. F. Dificuldades de Aprendizagem: UM ESTUDO DOCUMENTAL. 77fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.

DELL□AGLI, B. A. V. Aspectos afetivos e cognitivos da conduta em crianças com e sem dificuldades de aprendizagem. Tese de Doutorado (Não publicada). Campinas: Faculdade de Educação/UNICAMP, 2008

DELL'AGLI, Betânia Alves Veiga; BRENELLI, Rosely Palermo. Dificuldade de aprendizagem: análise das dimensões afetiva e cognitiva. In: CAETANO, Luciana Maria (Org.). Temas atuais para a formação de professores: contribuições da pesquisa piagetiana. São Paulo: Paulinas, 2010. Cap. 2, p. 45-70.

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

EDILIA RUFINO DE ARAUJO PARIZOTTO

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo tratar sobre a questão da importância da afetividade na relação professor e aluno nas vivências escolares, enfatizando a necessidade do estabelecimento de vínculos afetivos, entre o professor e o aluno, que, por sua vez, fortalecem as relações interpessoais e propiciam a construção do conhecimento, que se dá através do contato com o meio físico e natural. Justifica-se abordagem desse assunto, pois como educadores precisamos compreender, por meio de estudos, a vinculação da relação adulto-criança, com o processo educacional, analisando como as interações, quando benéficas, contribuem significativamente no desenvolvimento integral do indivíduo, sendo o estabelecimento de vínculos afetivos necessários para evolução da inteligência. De metodologia bibliográfica, como referencial teórico básico, foram considerados escritos de Henri Wallon, Lev S. Vygotsky, Piaget e Winnicott, autores que pesquisaram em relação ao aparecimento das questões afetivas e sentimentais ao longo da trajetória escolar, os estudos que foram realizados nas áreas de neurologia e psicologia sobre o tema em questão.

Palavras-Chave: Afetividade. Professor. Aluno.

ABSTRACT

This study aims to solve the issue of the importance of affectivity in the teacher-student relationship in school experiences, emphasizing the need to establish affective

bonds between the teacher and the student, which, in turn, strengthen interpersonal relationships and propitiate the construction of knowledge, which occurs through contact with the physical and natural environment. It is justified to approach this subject, because as educators we need to understand, through studies, the linkage of the adult-child relationship, with the educational process, analyzing how interactions, when beneficial, contribute significantly in the integral development of the individual, Of affective bonds necessary for the evolution of intelligence. From the bibliographical methodology, as a basic theoretical reference, the writings of Henri Wallon, Lev S. Vygotsky, Piaget and Winnicott, authors that investigated the appearance of affective and sentimental issues throughout the school trajectory were studied, the studies that were carried out in the areas of neurology and psychology on the subject in question.

Keywords: Affectivity. Teacher. Student.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema "A importância da afetividade na educação infantil" A escolha deste tema foi motivada por considerar que a escola é um campo de vivência e cidadania, é preciso que ela possa constituir-se em espaço capaz de proporcionar aos educandos momentos prazerosos de aprendizagem, por esta razão é importante o bom relacionamento afetivo entre docentes e discentes dentro da escola.

A afetividade contribui muito e de maneira especial para qualquer processo de ensino e aprendizagem, através desse processo a criança estabelece relações com o meio cultural criando vínculos com o meio em que vive e a partir daí constrói conhecimentos, e a relação professor e aluno, que possibilitam o desenvolvimento da criança e favorece a conquista da autonomia

O ato de ensinar envolve grande cumplicidade do professor, a partir do planejamento das decisões assumida, mas tal cumplicidade também se- constrói nas interações, através do que é falado, do que é entendido, do que é transmitido, é captado pelo olhar, pelo movimento do corpo que acolhe, escuta, observa e busca a compreensão do ponto de vista do aluno. Para Assmann (1998): "A afetividade é impulsionada pela expressão dos sentimentos, das emoções, e desenvolve-se por meio da formação do sujeito".

O problema de pesquisa e as questões que norteiam o estudo diz respeito a avaliar as relações afetivas na sala de aula a fim de estreitar laços positivos entre os alunos, eliminando os preconceitos e conflitos, promovendo um ambiente motivador e enriquecedor ao aprendizado é a melhor forma de acolher àquele que de alguma forma precisa ser notado.

A pesquisa é um convite, ao despertar de um olhar atento e acolhedor das relações humanas dentro das unidades escolares, sendo este o ponto de partida para afetar positivamente as nossas crianças em idade escolar, possibilitando uma percepção da importância do afeto na relação pedagógica como fator relevante na interação com o aprendizado

Este trabalho tem como objetivo geral mostrar como os fatores afetivos se apresentam na relação professor, aluno, família e a sua influência no processo de aprendizagem.

Como objetivos específicos pretende compreender, por meio de estudos, a vinculação da relação adulto-criança, com o processo educacional. Analisar como as interações, quando benéficas, contribuem significativamente no desenvolvimento integral do indivíduo, sendo o estabelecimento de vínculos afetivos necessários para evolução da inteligência, principalmente no início das vivências escolares.

Este trabalho se justifica, pois, segundo as autoras Davis e Oliveira (1994), no processo de ensino aprendizagem, a relação professor-aluno envolve uma interação humana dinâmica, de troca contínua, na qual as forças do poder e da afetividade são características constantes e de repercussão fundamental para o êxito ou total fracasso do aluno e do professor.

Para realizar este estudo a metodologia adotada foi bibliográfica, a pesquisa pautou na suposição dos pressupostos teóricos de Wallon, Vygotsky, Piaget e Winnicott, como também outros autores que destacam por meio de suas obras a importância a ser dada as experiencias oferecidas as crianças.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 AFETIVIDADE

Educar de maneira afetiva deveria ser a primeira preocupação de todos os candidatos a serem educadores, elemento este que condiciona o comportamento, o caráter e a atividade cognitiva da criança. O amor deve ser percebido sempre de maneira positiva e não contrário ao conhecimento podendo tornar-se lucidez, necessidade e alegria de gostar de aprender. Tornar o momento de aprendizagem interessante e curioso, quando apresentado de maneira amorosa.

A afetividade, é algo que nos acompanha desde os primórdios da humanidade, em cada época se apresenta e desenvolve de acordo os costumes de um determinado povo.

Já há alguns anos este tema vem sendo bastante discutido no meio educacional. Educadores a fim de melhorar suas práticas buscam entender essa temática, como ela se dá e quais seus benefícios do mesmo para essas crianças, bem como tal processo se de-

senvolve nos diversos meio. “Do nosso ponto de vista, a afetividade é impulsionada pela expressão dos sentimentos e das emoções e pode desenvolver-se por meio da formação. ” (RIBEIRO, 2010, p. 404).

O termo afetividade em uma linguagem geral, relaciona-se como sentimentos de ternura, simpatia e carinho. Na literatura está vinculada a emoção, motivação, paixão, personalidade, estados de humor entre tantos outros.

De acordo com Wallon (apud Galvão 1995, p.43) “A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações."

O motor, o afetivo, o cognitivo, a pessoa, embora cada um desses aspectos tenha identidade estrutural e funcional diferenciada, estão tão integrados que cada um é parte constitutiva dos outros. Sua separação se faz necessária apenas para a descrição do processo. Uma das consequências dessa interpretação é de que qualquer atividade humana sempre interfere em todos eles. Qualquer atividade motora tem ressonâncias afetivas e cognitivas; toda disposição afetiva tem ressonâncias motoras e cognitivas; toda operação mental tem ressonâncias afetivas e motoras. E todas essas ressonâncias têm um impacto no quarto conjunto: a pessoa (MAHONEY, 2009, p. 15).

A afetividade, é um estado psicológico do ser humano que pode ou não ser modificado a partir das situações.

Compreender a afetividade como algo inevitável e necessário é aceitar que sentimentos e emoções fazem parte do indivíduo, daí nasce a importância de conhecer as diferentes formas em que o aluno é afetado pela família, colegas e professores e como nossas ações e emoções frente a situações adversas podem mudar o rumo das histórias de nossos alunos.

Segundo Piaget (1996), tal estado psicológico é de grande influência no comportamento e no aprendizado das pessoas juntamente com o desenvolvimento cognitivo. Ainda segundo ele, se faz presente em sentimentos como os de desejos, interesses, tendências, valores e emoções, ou seja, na maioria dos campos da vida. A afetividade desenvolve um papel importante nas relações básicas de um indivíduo, além de influenciar na percepção, na memória, no pensamento e na iniciativa de ações, concluindo assim que é através da afetividade que a personalidade de uma criança é formada.

Muitos são os autores que trazem esse tema, como parte indispensável no processo de ensino e aprendizagem, compreendendo que essas relações de ensino/aprendizagem são fortemente ligadas ao desejo e paixão, e que devido a isso é possível sim perceber e prever condições afetivas que facilitam esse processo.

Segundo Mahoney (1993):

A criança ao se desenvolver psicologicamente, vai se nutrir principalmente das emoções e dos sentimentos disponíveis nos relacionamentos que vivencia. São esses relacionamentos que vão definir as possibilidades de a criança buscar no seu ambiente e nas alternativas que a cultura lhe oferece, a concretização de suas potencialidades, isto é, a possibilidade de estar sempre se projetando na busca daquilo que ela pode vir a ser (MAHONEY, 1993, p.68).

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI):

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidado, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (BRASIL, 1998, p. 23).

Santos (2002), acrescenta que educar não se limita a repassar informações ou até mesmo mostrar um caminho que o educador considera o mais certo, mas sim em ajudar a pessoa a tomar consciência de si mesma, dos outros e da sociedade. Contudo, é oferecer ferramentas para que o indivíduo possa escolher entre tantos caminhos, aquele que for compatível com seus valores, bem como sua visão de mundo e circunstâncias adversas que cada um encontrará.

Portanto, educar significa a integração entre o afeto e a construção do conhecimento. De acordo com esse processo educativo, a interação afetiva auxilia na compreensão e construção do raciocínio do aluno. Infelizmente ainda, existem educadores com a concepção de que se aprende por meio da repetição e memorização, esses profissionais não possuem a vontade de tornar suas aulas mais criativas e interessantes para seus alunos, permitindo assim que ao invés de aproximar as crianças, acabam tornando-os mais distantes e desinteressados.

2.2 AFETIVIDADE SEGUNDO WALLON

Entre os muitos autores sobre esse tema Henri Wallon, que foi educador e médico francês, que viveu de 1879 a 1962. Para este autor, a emoção está sempre relacionada ao componente biológico do comportamento de um ser humano, referese a uma reação de ordem física. De acordo com ele, já a afetividade tem uma significação muito mais ampla, na qual segundo ele, estão inseridas muitas manifestações. Das orgânicas que são basicamente as primeiras manifestações de sentimentos como fome e saciedade e as que estão relacionadas ao social como sentimen-

to, humor, paixão e a emoção entre outras.

A importância da afetividade no desenvolvimento humano, segundo Wallon, baseia-se na afirmação que o ser humano desde o seu nascimento é envolvido pela afetividade e que o afeto desempenha um papel fundamental em seu desenvolvimento e no estabelecimento de boas relações sociais.

Wallon foi o primeiro a considerar não só o corpo da criança, mas também suas emoções para dentro do ambiente escolar, ou seja, para sala. Suas ideias foram fundamentadas em quatro elementos básicos: afetividade, movimento, inteligência e formação do eu como pessoa.

A consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica, corresponde a sua primeira manifestação. Pelo vínculo mediato que instaura com o ambiente social, ela garante o acesso ao universo simbólico da cultura, elaborado e acumulado pelos homens ao longo de sua história. Dessa forma é ela que permitirá a tomada de posse dos instrumentos com os quais, trabalha a atividade cognitiva. (WALLON, 1962 apud DANTAS; LA TAILLE; OLIVEIRA, 1992, p. 71).

Wallon (1968) nos mostra com suas pesquisas que a afetividade é expressa de três maneiras. Por meio da

- Emoção;
- Do sentimento;
- Da paixão.

Essas manifestações surgem durante toda a vida do sujeito, mas, como o pensamento infantil, demonstram uma evolução, que caminha do pensamento sincrético para o diferencial.

• A emoção, é a primeira expressão da afetividade, segundo o educador. Ela possui uma ativação muito mais orgânica, ou seja, não é controlada pela razão.

• Com caráter mais cognitivo o sentimento é a representação da sensação, esse sentimento surge apenas quando a pessoa já consegue falar sobre o que lhe afeta.

• A paixão tem como característica o autocontrole em função de um objetivo. Ela se manifesta quando o indivíduo domina o medo.

Por ser mais visível que as outras duas manifestações, a emoção é considerada por Henri Wallon (1968) como a forma mais expressiva de afeto e ganha destaque dentro de suas obras.

Ao realizar suas observações as reações emotivas, ele encontra indicadores para analisar as estratégias usadas em sala. Por exemplo, se o professor consegue entender o que ocorre quando o aluno está cansado ou desmotivado, se esse profissional é capaz de usar a informação a favor do conhecimento, controlando a situação. Segundo ele, não é possível falar em afetividade sem falar em emoção, porém os dois termos não são sinônimos.

Wallon coloca a afetividade para o desenvolvimento da criança como bem definido, tem papel imprescindível no processo de desenvolvimento da personalidade e este, por sua vez, se constitui sob alternância dos domínios funcionais.

Para Wallon o processo de evolução depende tanto da capacidade biológica do sujeito quanto do ambiente, que o afeta de alguma forma. Ele nasce com um equipamento orgânico, que lhe dá determinados recursos, mas é o meio que vai permitir que essas potencialidades se desenvolvam.

É importante salientar que o trabalho em sala de aula não transcorre baseado apenas na cognição. E sim, na realidade, há uma grande carga afetiva envolvida, podendo passar por momentos de agressividade, busca de afeto ou até mesmo de auto aceitação. Diante disso ilustra a citação abaixo:

O professor é mediador entre as crianças e os objetos de conhecimento, organizando e propiciando espaços e situações de aprendizagens que articulem os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas de cada criança aos seus conhecimentos prévios e aos conteúdos referentes aos diferentes campos de conhecimento humano (BRASIL, 1998, p. 30).

Em nosso Parâmetro Curricular Nacional o conhecido (PCN) consta que uma educação de qualidade precisa desenvolver as capacidades, cognitivas, afetivas, éticas e estéticas, visando a construção do cidadão em todos os seus direitos e deveres. Percebeu-se também, a necessidade urgente do desenvolvimento de bons projetos escolares que contemplem o trabalho das emoções (BRASIL, 1998).

2.3 AFETIVIDADE SEGUNDO WINNICOTT

Falar de afetividade é trazer a realidade, situações que possibilitem por meio das relações interpessoais, a exteriorização de sentimentos, que transformam a si próprio e ao outro, em um diálogo, que exige o comprometimento do adulto com o desenvolvimento infantil e com relações que permeiam este processo.

Conforme Winnicott (1971), desde pequeno, ainda recém-nascido, o ser humano utiliza a emoção para comunicar-se com o mundo. O bebê, antes mesmo da aquisição da linguagem, consegue estabelecer relação com a mãe, ou pessoa que dele cuida, através de movimentos de expressão (choro, necessidades fisiológicas). Segundo Araújo (2012, p. 17)

Tanto o psicanalista Winnicott como Wallon achava que um bebê sozinho não existe e, e sua visão é construída a partir dessa

situação de dependência total de um bebê imerso em um meio em que adultos reagem às emoções que o agitam, e do seio das quais emerge, aos poucos, sua consciência de ser um "eu" diferente do meio em que as emoções o mergulham, no qual ele começa a descobrir, também, os "outros". (ARAUJO, 2012, p.17).

Para Winnicott, (1971), é importante que as mães vejam em seus bebês recémnascidos, mais que os cuidados básicos com alimentação e higiene. Vejamos o que o autor diz:

Vai pôr mal caminho o bebê cuja mãe trate dele, ainda que o faça na melhor das intenções, acreditando que os bebês pouco mais são, no princípio, do que um feixe de fisiologia, anatomia e reflexos condicionados. Sem dúvida, esse bebê será bem alimentado, poderá alcançar uma boa saúde física e ter um crescimento normal, mas se a mãe não souber ver no filho recém-nascido um ser humano, haverá poucas probabilidades de que a saúde mental seja alicerçada com uma solidez tal que a criança, em sua vida posterior, possa ostentar uma personalidade rica e estável, suscetível não só de adaptar-se ao mundo, mas também de participar de um mundo que exige adaptação (WINNICOTT, 1971, p. 118).

O autor complementa a citação anterior, destacando que as condições que são necessárias para o crescimento individual da criança não são estáticas, assentes e fixas, ao contrário encontram-se num estado de transformação.

Essas condições só precisam ser suficientemente boas, dado que a inteligência da criança se torna cada vez mais apta para ter em conta a possibilidade de fracassos e para dominar a frustração mediante uma prévia preparação, como se sabe, as condições que são necessárias para o crescimento individual da criança não são estáticas, assentes e fixas em si mesmas; encontram-se num estado de transformação qualitativa e quantitativa, em relação à idade da criança e às necessidades em constante mutação (WINNICOTT, 1971, p. 203).

Dentro desse contexto, afetividade e interação, caminham juntas, tornando a zona de desenvolvimento proximal da criança, quando conhecida pelo adulto, importante por possibilitar em sua mediação, a motivação em aprender.

No espaço educacional passou a serem oferecidas às crianças, maiores oportunidades de exploração e interação, considerando o valor das relações entre educador e criança, garantidos nos documentos educacionais, que reforçam os direitos necessários ao desenvolvimento integral do ser humano.

Compreender as manifestações afetivas, é buscar através deste conhecimento equilibrar conflitos, e, portanto, facilitar o desenvolvimento da inteligência, que acontece junto a racionalização de sentimentos e emoções.

2.4 AFETIVIDADE SEGUNDO PIAGET

Jean Piaget o criador da teoria da Epistemologia Genética, nascido em 1896 e morte no ano de 1980. Este reconheceu que a afetividade e a razão se constituem como termos que se complementam. Segundo ele a afetividade seria "a energia, o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados e obtenção de êxito nas ações.

Piaget foi um educador, devido a todas as influências que seus estudos e experimentos exerceram na educação, porém Piaget formou-se em Biologia e tornouse psicólogo a fim de entender como o sujeito consegue obter seu conhecimento. Piaget não se contentou com os materiais e meios disponíveis naquela época para responder suas inquietações, ele não queria obter apenas simples respostas e sim entender as transformações que ocorrem no sujeito e as influências do meio e sobre o meio a qual está inserido.

Para Sastre e Moreno, (2003, p.39) é no campo da psicologia que se tem produzido o maior número de trabalhos sobre as interações entre cognição e afetividade "ainda que estes trabalhos se tenham iniciado há várias décadas, foi nestes últimos anos que lhes dedicou maior atenção".

Segundo Arantes (2003), o papel da afetividade para Piaget é funcional na inteligência. Ela é a fonte de energia de que a cognição se utiliza para seu funcionamento. Ele explica esse processo por meio de uma metáfora, afirmando que - a afetividade seria como a gasolina, que ativa o motor de um carro, mas não modifica sua estrutura.

O tema "afetividade" não é frequentemente associado à teoria de Jean Piaget. Como se sabe, o autor interessou-se pela lógica do pensamento, cuja gênese se encontra na lógica das ações dos primeiros 24 meses de vida da criança. A busca e descrição das estruturas ou formas de organização da inteligência são o núcleo da teoria do mestre de Genebra, o que conferiu à psicologia da inteligência da época, apoiada no método dos testes, uma nova abordagem teórica, advinda da epistemologia genética e do método clínico-crítico de investigação, desenvolvidos por Piaget (SOUZA, 2003, p.53).

Ainda de acordo com Souza (2003), Piaget defende a tese da correspondência entre as construções afetivas e cognitivas ao longo da vida.

A abordagem de Piaget rompe, como ele desejava, a dicotomia inteligência/afetividade, apresentando o desenvolvimento psicológico como uno, em suas dimensões afetiva e cognitiva (...) o autor defende a tese da correspondência entre as construções afetiva e cognitiva, ao longo da vida dos indivíduos, e recorre às relações entre afetividade, inteligência e vida social para explicar a gênese da moral. (SOUZA, 2003, p. 54).

Para Sastre e Moreno (2003) não se havia descrito a existência de um inconsciente cognitivo que Piaget evidenciou:

Desde os trabalhos de Freud se sabia da existência de um inconsciente afetivo, sobre o qual baseou grande parte de seus trabalhos psicanalíticos, mas o que não se havia descrito era a existência de um inconsciente cognitivo, que Piaget (1970) pôs em evidência. Cognição e afetividade têm, pois, uma característica em comum: uma parte muito importante escapa à consciência (SASTRE E MORENO, 2003, p. 30).

Souza (2003) afirma que, para Piaget, toda conduta possui um aspecto afetivo (energético) e um aspecto estrutural (cognitivo) e defende a ideia de romper com a dicotomia entre afetividade e inteligência e que é essencial estudar estes dois aspectos no desenvolvimento.

Considerando-se que os aspectos afetivos podem estar associados mais às condutas relacionadas às pessoas e os aspectos cognitivos às condutas relacionadas aos objetos, o autor explicita quais são os elementos envolvidos nesses dois tipos de condutas. Considera que em ambos os tipos de condutas há afetividade e inteligência, pois há estruturas e energética. Assim, nas relações com os objetos, o aspecto estrutural é dado por diversas estruturas lógico matemáticas que organizam a atividade do sujeito. Já o aspecto afetivo refere-se ao conjunto dos interesses, dos esforços e dos afetos intra-individuais com suas regulações. Nas relações com as pessoas, ao aspecto afetivo ou energético diz respeito aos diversos afetos interindividuais e o elemento intelectual ou estrutural provém de tomada de consciência das relações interindividuais e desemboca na constituição de estruturas de valores. Para marcar a distinção entre o aspecto estrutural e o energético, Piaget considera importante separar a afetividade em sentido amplo dos sentimentos, no sentido particular de condutas determinadas. (SOUZA, 2003, p. 68).

Ainda nos diz Souza (2003) que Piaget considera não ser possível explicar a inteligência pela afetividade e tampouco a afetividade pela inteligência, mesmo se as diferentes teorias enfatizarem mais um aspecto do que o outro em suas formulações. Acredita ter feito isso com sua abordagem, isto é, romper com a dicotomia entre afetividade e inteligência e definir os papéis de cada elemento no desenvolvimento psicológico. Ao finalizar suas escritas sobre Piaget, Souza ressalta:

Cabe aos pesquisadores contemporâneos executarem suas investigações no sentido de integração entre os ensinamentos oriundos da psicanálise, e de outras teorias que enfatizam a afetividade, e da psicologia genética, iniciada por Piaget e, até hoje, base para muitas pesquisas teóricas e empíricas. [...] pesquisas atuais no campo da psicologia moral, sobre a gênese de sentimentos morais, em suas relações com os juízos, e, no campo da psicologia do desenvolvimento e desenvolvimento psicológico, inauguram um universo empírico que pode significar, no futuro, a realização do desejo de Piaget de se ter uma "psicologia geral", que possa explicar o desenvolvimento afetivo-cognitivo dos indivíduos (SOUZA, 2003, p. 69).

Segundo Arantes (2003), os objetos de conhecimento são simultaneamente cognitivos e afetivos:

Na relação do sujeito com os objetos, com as pessoas e consigo mesmo, existe uma energia que direciona seu interesse para uma situação ou outra, e a essa energética corresponde uma ação cognitiva que organiza o funcionamento mental. Nessa linha de raciocínio, diz Piaget, "é o interesse e, assim, a afetividade que fazem com que uma criança decida seriar objetos e quais objetos seriar". Complementando, todos os objetos de conhecimento são simultaneamente cognitivos e afetivos, e as pessoas, ao mesmo tempo que são objeto de conhecimento, são também de afeto (ARANTES, 2003 p. 162).

Arantes (2003) coloca ainda que, no transcorrer do trabalho de Piaget, foi incorporado um outro tema na relação entre a afetividade e a cognição, que são os valores.

2.5 AFETIVIDADE SEGUNDO VYGOTSKY

Vygotsky (1896-1934), ao abordar a importância das interações sociais, traz a ideia da mediação e da internalização como fator imprescindível para a aprendizagem, defendendo que a construção do conhecimento nasce a partir de um intenso processo de interação social com demais pessoas.

Para Vygotsky ocorre o desenvolvimento pessoal em dois níveis, o desenvolvimento real ou efetivo, estes referem-se as conquistas realizadas e o do desenvolvimento potencial ou proximal que se trata das capacidades a serem construídas. Este autor é considerado por muitos como cognitivista por sua preocupação principal nos aspectos do funcionamento do pensamento.

Quem separa desde o começo o pensamento do afeto fecha para sempre a possibilidade de explicar as causas do pensamento, porque uma análise determinista pressupõe descobrir seus motivos, as necessidades e interesses, os impulsos e tendências que regem o movimento do pensamento em um ou outro sentido. De igual modo, quem separa o pensamento do afeto, nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento o plano afetivo, volitivo da vida psíquica, porque uma análise determinista desta última inclui tanto atribuir ao pensamento um poder mágico capaz de fazer depender o comportamento humano única e

exclusivamente de um sistema interno do indivíduo, como transformar o pensamento em um apêndice inútil do comportamento, em uma sombra sua desnecessária e impotente (VYGOTSKY, 1993 apud ARANTES, 2003, p. 18).

Mesmo com sua concepção a esse respeito, Vygotsky questionava o dualismo entre as duas dimensões afetivas e cognitivas. Essa forma de pensar percebe-se quando ele menciona que a psicologia tradicional peca em separar os dois aspectos afetivos e intelectuais. Afirma ele que "os processos pelos quais o afeto e o intelecto se desenvolvem estão inteiramente enraizados em suas inter-relações e influências mútuas".

Oliveira (1993) completa que para Vygotsky, a mediação do adulto, deve ser analisada como oportunidade, para que a criança possa ir somando novas capacidades, pois as ações coletivas, após observadas, podem ser potencializadas, em situações planejadas. Diz a autora que até mesmo entre as próprias crianças o processo de mediação cultural pode ocorrer, em momentos em que trocam seus conhecimentos.

Completa Rego (1995), que Vygotsky traz em suas pesquisas o grande valor que há nas interações sociais, que permeiam o processo de desenvolvimento infantil, concebido ao longo de sua trajetória, por pensamentos, deduções, emoções, desejos, entre outros, que então referem-se ao ser humano de modo racional e emotivo.

O professor que permite que o afeto flua no ambiente da sala de aula compromete-se com o desenvolvimento global de seu aluno e que refletirá em toda a existência destes.

Cabe ao educador, de acordo com Rego (1995) conhecer as áreas do conhecimento, não somente da pedagogia ou da psicologia, considerando que é através de diferentes perspectivas, que é propiciado o desenvolvimento integral da criança.

A inserção do sujeito na cultura, possibilita o desenvolvimento em seus aspectos cognitivos, afetivos e sociais, considerando que é pela interação que o conhecimento se modifica, em meio a vínculos afetivos, que influenciam na aprendizagem, constituída sobre as formas de pensar e agir do ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa termina, alçando os objetivos iniciais, na necessidade de mostrar que a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção do indivíduo quanto da aquisição do conhecimento.

Foi possível perceber durante o estudo que a afetividade é de suma importância para a educação, ou seja, para uma escola construída a partir do respeito, compreensão e autonomia de ideias.

O aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual da criança, pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento, além de determinar sobre que conteúdos a atividade intelectual se concentrará.

A criança que possui uma boa relação afetiva é segura, tem interesse para adquirir novos conhecimentos e, portanto, tem um bom rendimento escolar. Por meio da afetividade na educação escolar é possível ir além do ensino tradicional. Para que isso ocorra é fundamental a participação dos pais e educadores, que devem entender sua missão: a de construir um ser humano em sua totalidade.

Diretamente ligada à emoção, a afetividade consegue determinar o modo com que as pessoas visualizam o mundo e também a forma com que se manifesta dentro dele.

O ambiente escolar precisa ter conhecimento de como acontece o desenvolvimento emocional e comportamental das crianças. Com isso, conseguirá estar lado a lado com seus alunos, fortalecendo um vínculo afetivo de maneira mais efetiva, aspecto esse tão importante no processo ensino e aprendizagem.

Todos os fatos e acontecimentos que houve na vida de uma pessoa traz recordações e experiências por toda a sua história. Dessa forma, a presença ou ausência do afeto determina a forma com que um indivíduo se desenvolverá. Também determina a autoestima das pessoas a partir da infância, pois quando uma criança recebe afeto dos outros consegue crescer e desenvolver com segurança e determinação.

Ao se propor a lecionar, o professor deveria ter a primeira preocupação e mais importante, o de educar de maneira afetiva, pois trata-se de elemento que condiciona o comportamento, assim como o caráter e o desempenho cognitivo da criança.

Quando todos envolvidos com a tarefa de educar compreendem que o espaço escolar é a continuação do lar, considera-se, portanto, que a escola não pode se limitar apenas a fornecer novos conhecimentos, e sim, é preciso que vá além disso, buscando contribuir com a construção da personalidade individual e social.

Devemos perceber o amor de forma positiva e favorecedor do conhecimento, tornando-se lucidez, ou seja, é sem dúvidas necessidade e entusiasmo de gostar de aprender. Diante disso, é preciso que as situações de aprendizagem se tornem curiosas e interessante, quando apresentadas de maneira afetiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, V. A. Afetividade na escola: alternativa teóricas e práticas. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

ARAÚJO, G. A. O papel da afetividade